

CULTO À GUERRA: NOVOS OLHARES SOBRE A EDUCAÇÃO ESPARTANA

RICARDO BARBOSA DA SILVA¹; CAROLINA KESSER BARCELLOS DIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – riicardobs@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – carol.kesser@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Durante séculos e até os nossos dias a história espartana é compreendida como uma história de guerras e de um povo forjado para ser os melhores guerreiros de todo o mundo antigo. Ainda na antiguidade, Esparta era vista como uma “pólis-quartel”, onde os espartanos sacrificavam tudo em prol de seu militarismo. Em decorrência das fontes escritas que chegaram até nós, frutos do pensamento de diversos autores gregos exteriores à Esparta, haja vista que os espartanos não deixaram documentos sobre si mesmos, criou-se essa visão tradicional de Esparta como um imenso acampamento militar. Este pensamento influenciou diversos grupos e ideologias como o escotismo, a juventude fascista e a juventude hitlerista (MARROU, 1973). Na década de 1930 começam a surgir obras que buscam desmistificar esta Esparta, e enxergá-la através da miragem que se construiu durante anos sobre a pólis dos lacedemônios. A obra de OLLIER (1933) foi um marco nesta cruzada e, através do mito dos espartanos, inaugurou uma nova perspectiva sobre aquela cidade-Estado. Após Ollier, surgiram vários outros trabalhos que buscavam deixar o pretenso militarismo espartano de lado em prol de outros segmentos de sua sociedade, tais como os trabalhos de MOSSÉ (1986) e OLIVA (1983), entre outros.

Do final dos anos 1980 e início dos anos 1990 até o final da década de 2000, surge um evento que se consagrará como o principal encontro de estudos sobre a pólis dos lacedemônios, o *International Sparta Seminar*. Organizado por Anton Powell e Stephen Hodkinson, este evento reuniu os maiores nomes da historiografia espartana do mundo, trazendo grandes perspectivas e novos olhares sobre as pesquisas referentes aquela cidade-Estado. Um grande marco que ainda renderá muitos frutos em pesquisas ao redor do globo.

No sentido de dar novos olhares sobre questões tradicionais dentro da historiografia sobre Esparta, pretendemos revisitar os estudos sobre a educação espartana, o *agôgé*, e verificar o quanto mistificada esta instituição foi durante o passar dos anos pela historiografia.

2. METODOLOGIA

Sendo nossa proposta de trabalho trazer novos olhares para a educação dos jovens espartanos, revisitaremos os textos antigos realizando um debate entre as fontes, a historiografia da visão tradicional sobre Esparta e a nova historiografia trazida pelo *International Sparta Seminar*, a fim de verificar o caráter do *agôgé* e o quanto este foi mistificado no decorrer do tempo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento foi feito um levantamento sobre as fontes para o estudo de Esparta, bem como um levantamento da historiografia pertinente ao trabalho. Um princípio de debate já está se encaminhando e tem indicado que a

visão tradicional se baseou muito na miragem que Ollier já ressaltava na década de 30, com os historiadores buscando e evidenciando apenas aquilo que queriam enxergar na instituição educacional espartana, ressaltando valores que seus tempos pediam/necessitavam.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho é decorrência de nossa pesquisa de mestrado ainda em andamento. Todavia, o que já podemos observar é que em muitos casos a brutalidade da educação dos jovens esparciatas era exagerada, tanto por desconhecimento de causa já que a maior parte das fontes é escrita por autores antigos que eram de fora de Esparta, quanto os historiadores modernos que acabaram por reforçar o manto místico que envolvia a formação dos cidadãos espartanos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MARROU, H. I. **História da educação na Antiguidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- MOSSÉ, C. La vérité sur Sparte. In: MOSSÉ, C. (Org.) **La Grèce Ancienne**. Paris: Editions du Seuil, 1986.
- OLIVA, P. **Esparta y sus problemas sociales**. Madrid: Ediciones Akal, 1983.
- OLLIER, F. **La Mirage spartiate: étude sur l'idealisation de Sparte dans l'antiquité Grecq de l'jusqu aux cyniques**. Paris: de Boccard, 1933.